

EDUCAÇÃO AGROECOLÓGICA NA PANDEMIA: UM RELATO DE EXTENSÃO E ENSINO REMOTO

FRANKLIN SALES DE OLIVEIRA¹; DULCINÉIA ESTEVES SANTOS²; JANAINA TAUÍL BERNARDO³

¹*Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – fsoliveira@inf.ufpel.edu.br*

²*Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – dulcinéiaestevessantos@gmail.com*

³*Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS) – janaina-bernardo@uergs.edu.br*

1. INTRODUÇÃO

A atividade extensionista oferece experiências singulares e de grande impacto social, funcionando como uma troca de saberes que promove transformações significativas. Nesse sentido, FREIRE (2018) ressalta que as atividades educativas críticas realizadas em parceria com a população pouco ou não escolarizada, dentro de uma perspectiva colaborativa, por meio de projetos de ensino e extensão, favorecem a ampliação dos conhecimentos. No contexto acadêmico brasileiro, a extensão é o último dos três pilares - ensino, pesquisa e extensão - a ser integrado às universidades, e sua natureza interdisciplinar, juntamente com a diversidade do público-alvo, dificulta a compreensão e execução eficaz desse tripé (PAULA, 2013). No entanto, um exemplo de sucesso na superação desses desafios é o trabalho desenvolvido pelo Núcleo de Estudos em Agroecologia NEA Gaia Centro Sul (NEA GAIA), também conhecido como Grupo Gaia.

O NEA GAIA é uma organização cultural e técnico-científica sem fins lucrativos, tem como objetivo fomentar o estudo da Agroecologia na educação universitária, promover a inclusão comunitária em projetos de ensino, pesquisa e extensão, e apoiar iniciativas voltadas ao desenvolvimento rural sustentável. O Grupo Gaia está vinculado à Universidade Estadual do Rio Grande do Sul desde sua criação, em 2015, e, desde então, tem sido fundamental na produção de conhecimento acadêmico junto à comunidade não acadêmica. Ele se destaca na promoção da Agroecologia como ciência, por meio de ações como estudos, mutirões agroecológicos em propriedades de agricultores familiares, criação de hortas comunitárias, práticas de manejo em sistemas agroflorestais, formação e manutenção de um Banco de Sementes Crioulas, além de sua participação em feiras e projetos coletivos na região. Dessa maneira, o grupo contribui para fortalecer e expandir a agroecologia dentro e fora do ambiente universitário (BERNARDO, 2020).

Este trabalho se concentra no contexto da educação remota em agroecologia, apresentando um relato de experiência sobre as ações realizadas no Projeto de Extensão "Agroecologia para Guardiões de Sementes Crioulas da Região Centro-Sul do Rio Grande do Sul", proposto pelo NEA GAIA ao CNPq. A iniciativa foi desenvolvida durante o período de isolamento social imposto pela pandemia de Covid-19 e incluiu a execução do Curso Multidisciplinar em Agroecologia de forma remota.

2. METODOLOGIA

No contexto pandêmico, a rápida disseminação do vírus em diversos países levantou preocupações e exigiu a adoção de estratégias para garantir a continuidade do processo de ensino-aprendizagem. Isso inclui o desenvolvimento de novos

sistemas de organização e representação do conhecimento, que buscam responder aos dilemas e desafios enfrentados por professores e alunos nesse novo cenário educacional (NETO, 2020).

Diversos autores enfatizam o caráter prático e experimental da educação agroecológica e agroflorestal, ressaltando sua inserção em uma abordagem de ensino não formal. Essa modalidade de aprendizado valoriza não apenas o conhecimento aplicado, mas também promove a construção coletiva de saberes, conforme evidenciado em vários estudos sobre o tema (DA SILVA, 2022). Contudo, a transição para o ambiente remoto inseriu desafios adicionais, como a adaptação de metodologias e a necessidade de engajamento ativo dos participantes.

Considerando todos esses desafios, o NEA fez adaptações significativas no Curso Multidisciplinar em Agroecologia (CMA), que inicialmente estava programado para ocorrer presencialmente. A organização da experiência seguiu uma sequência estruturada: primeiramente, foi constituída uma equipe de trabalho integrada por membros do projeto e representantes das instituições parceiras. Posteriormente, em substituição aos Dias de Campo que estavam programados para ocorrer presencialmente, optou-se pela realização de um curso de educação a distância com foco em agroecologia (OLIVEIRA *et al.*, 2021).

Segundo OLIVEIRA *et al.* (2021), a transição para o formato remoto exigiu um esforço interdisciplinar, envolvendo diversos setores da universidade, e resultou na utilização do Ambiente Virtual de Aprendizagem - AVA/Moodle, do Núcleo de Ensino a Distância - NEAD da própria universidade, para promover a troca de saberes e tentar enriquecer as experiências. O curso foi direcionado a um público diversificado, composto por agricultores, alunos de escolas técnicas, estudantes da Escola Família Agrícola e acadêmicos da UERGS.

A execução dos módulos no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA/Moodle) seguiu uma metodologia que incluía: a) postagem de vídeoaulas com os conteúdos programados, b) criação de fóruns para que os participantes compartilhassem suas experiências em agroecologia e comentassem sobre outras postadas, e c) disponibilização de links para textos complementares para leitura e download (OLIVEIRA *et al.*, 2021).

O curso foi estruturado em módulos que abordaram diversos aspectos da agroecologia, começando com uma aula inaugural sobre transdisciplinaridade e saberes. O Módulo 1 tratou dos princípios da agroecologia na universidade e nas escolas familiares agrícolas, destacando sua importância na formação acadêmica. O Módulo 2 explorou as sementes crioulas e sua relação com a autonomia camponesa, enquanto o Módulo 3 focou na vida do solo e nas práticas de manejo sustentável. O Módulo 4 apresentou experiências práticas em agroecologia, e o Módulo 5 discutiu a soberania e segurança alimentar, finalizando com uma live que conectou alimentação e saúde em tempos de pandemia. Essa estrutura modular visou promover uma abordagem integrada e colaborativa, enriquecendo o aprendizado dos participantes.

Além disso, o planejamento estratégico para a divulgação do CMA teve como principal foco as redes sociais. As plataformas Instagram, Facebook e YouTube foram utilizadas como os principais canais de comunicação, com uma estrutura bem definida para promover o curso de forma ampla. O objetivo foi maximizar o alcance e atrair o maior número possível de interessados no tema da agroecologia, considerando o caráter massivo do curso (OLIVEIRA *et al.*, 2021).

As inscrições foram realizadas via Google Formulário, contendo algumas perguntas direcionadas a uma breve avaliação dos participantes em relação aos

temas abordados. Essa avaliação também foi utilizada como base para sugerir a realização de futuras edições do CMA.

3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS

Assim que foi anunciado nas redes sociais, o curso recebeu uma grande adesão nos grupos voltados para a temática da agroecologia no Facebook. No primeiro dia de inscrições, que eram limitadas, mais de 350 pessoas de diversas partes do Brasil, se inscreveram. A meta inicial era alcançar esse número ao longo de todo o período de inscrição, mas, devido ao sucesso no primeiro dia, e considerando a natureza massiva do curso, a meta foi aumentada para 2000 participantes, um número que se mostrou viável na plataforma AVA/Moodle, sendo alcançado na primeira semana de inscrições. Terminado o período de inscrições com 2001 (OLIVEIRA *et al.*, 2021).

Os dados coletados por meio do formulário revelaram uma notável diversidade de regiões habitadas pelos inscritos, refletindo o alcance e a abrangência do curso. Essa ampla distribuição geográfica foi extremamente gratificante para a equipe, pois demonstrou que os objetivos propostos para a divulgação da ciência e dos saberes agroecológicos foram, de fato, cumpridos. Os estados que apresentaram o maior número de inscrições foram o Rio Grande do Sul, com 405 participantes, representando 20,2% do total; São Paulo, com 288 inscritos, ou 14,4%; e o Rio de Janeiro, com 144 inscrições, equivalente a 7,2%, veja a figura 1.

Um dado de relevância também obtido através do formulário revelou que 1.235 mulheres se inscreveram no CMA, representando 61,7% do total, veja figura 2. Essa estatística é extremamente gratificante, pois, segundo AGUIAR (2009), as mulheres desempenham um papel crucial na promoção da agroecologia, atuando em áreas como a produção, beneficiamento e comercialização de alimentos ecológicos, além de contribuírem para a geração e disseminação de conhecimentos com uma visão crítica, as mulheres propõem alternativas produtivas e econômicas que frequentemente abordam questões relacionadas à reprodução da vida, ressaltando a importância da inclusão feminina e seu papel essencial na construção de práticas agrícolas mais sustentáveis e justas.

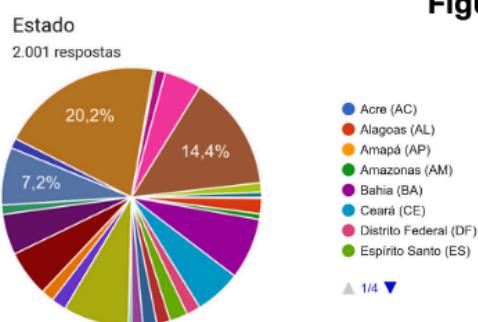


Figura 1: gráfico sobre as parcelas de inscrição por Estado

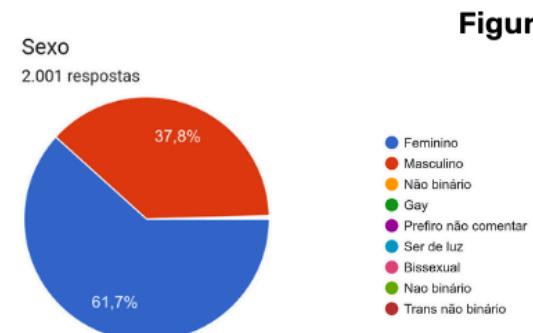


Figura 2: o gráfico mostra a expressiva parcela de mulheres inscritas no CMA - 1235 (61,7%)

4. CONSIDERAÇÕES

O CMA conseguiu promover a conscientização sobre práticas agroecológicas, gerando uma comunidade engajada e informada, no oferecimento do curso. A interação entre participantes e instituições parceiras fortaleceu as redes de colaboração, enriquecendo a experiência formativa e impactando positivamente as práticas agrícolas locais. Assim, a universidade teve oportunidade de ampliar seu alcance e se consolidar como referência na discussão de práticas sustentáveis, promovendo um ciclo virtuoso de aprendizado e desenvolvimento. O sucesso do CMA evidenciou a capacidade de ações voltadas para a agroecologia em contribuir para um futuro mais sustentável e justo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, M. V.; SILIPRANDI, E.; PACHECO, M. E. Mulheres no congresso brasileiro de agroecologia. ***Mulheres construindo***, v. 6, n. 4, p. 46, 2009.
- BERNARDO, J. T. et al. Agroecologia em debate: Memórias da Semana de Agroecologia do Grupo de Agroecologia Gaia – UERGS. Nova Xavantina, MT: **Pantanal Editora**, 2020a. Disponível em: <https://editorapantanai.com.br/ebooks/2020/agroecologia-em-debate-memorias-da-semana-de-agroecologia-do-grupo-de-agroecologia-gaia-uergs/ebook.pdf>. Acesso em: 7 out. 2024.
- DA SILVA, R. R. et al. Educação agroflorestal de base ecológica: uma experiência com uso de metodologias remotas e interativas. ***Experiência. Revista Científica de Extensão***, v. 8, n. 2, p. 113-124, 2022.
- FREIRE, Paulo (2017). Pedagogia da libertação em Paulo Freire. Organizado por A. M. A. Freire. **Editora Paz e Terra**.
- NETO, J. M. F. A. Sobre ensino, aprendizagem e a sociedade da tecnologia: por que se refletir em tempo de pandemia?. **Prospectus (ISSN: 2674-8576)**, v. 2, n. 1, 2020
- OLIVEIRA, F. S. de. et al. Ferramentas digitais e a difusão de saberes agroecológicos na pandemia. **VIII Congreso Latinoamericano de Agroecología 2020: Memorias II**, 2020, Montevideo, Uruguay, p. 529 - 535. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/1lamMrIJRGV0utbv6LPSuJ98peSEG6eNo>. Acesso em: 7 out. 2024.
- OLIVEIRA, F. S. de. et al. Uma perspectiva de ensino-aprendizagem em Libras com aplicativo gratuito em projeto unificado na UFPel. In: **Trilha colaboração, sociedade e extensão - simpósio brasileiro de sistemas colaborativos (SBSC)**, 19. , 2024, Salvador/BA, p. 146-149.
- PAULA, J. A. de. A extensão universitária: história, conceito e propostas. ***Interfaces - Revista de Extensão da UFMG***, [S. I.], v. 1, n. 1, p. 5-23, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistainterfaces/article/view/18930>. Acesso em: 7 out. 2024.